

TEMPORAI:

prática e pensamento contemporâneos

Editorial

A arte, as artes

Nesses tempos obscuros, muitas vezes se repete que são as artes, – ou num genérico ainda mais impreciso, “a cultura” –, que podem preencher os anseios melancólicos de algum possível horizonte. É às artes também, em um momento de redefinições políticas, que se concede um poder de renomeação, como se as representações, a mimese, ou as alegorias pudessem refundar todo o discurso a partir de si mesmas, numa espécie de nova metafísica. De certo modo, a arte substitui, no nosso vocabulário, aquele algo que se concedia à filosofia: o poder quase divino do conceito de, ao dar forma e nome, tornar algo atual, real, *verdadeiro*.

Mas, que poder teria esse conjunto de práticas – cujo nome genérico “artes” é muito recente – em um mundo no qual o capital toca as instâncias culturais e as torna uma das mais cobiçadas mercadorias, como bem explicita o texto de Philippe Oliveira de Almeida sobre Frederic Jameson, na abertura do nosso dossiê? Vivemos já o fluxo das sociedades de capital “criativo”, ou seja, a gentrificação associada aos espaço de culto dessa nova metafísica, que (re)nomeia os excluídos, os problemas políticos, e mesmo os limites do capital, para melhor circunscrevê-los às garras do mercado – a grife do *Begriff*.

Não se pode esquecer também a história desse assentamento acomodatório de nomes/representações ao qual muitas vezes chamamos de história da arte. As artes, hoje capazes de dar voz aos sem voz, de dar a ver representações múltiplas, já serviram para nomear e

ecoar imagens de poder silenciador as mais diversas. As nomeações indenitárias e as representações do corpo do poder talvez tenham um parentesco mais sutil, de sangue se se quiser, do que suspeita o debate apressado. Por outro lado, vale perguntar por que, mesmo na representação mais canônica, mesmo nas representações do corpo do rei como o vazio conceitual que encarna o próprio poder, as imagens sempre deixaram entrever – a sua revelia, por vezes – um fundo tenso, histórico, móvel? Entrever algum horizonte? E elas têm esse poder?

Este dossiê, portanto, não queria ser um agrupamento de textos sobre estética ou arte. Não pela falta de relevância ou interesse desses textos, mas por serem de certo modo artigos prontos, já consolidados. Quando nos sentamos para pensar este número, a nossa ideia voltou-se a um artista da nossa comunidade brasiliense, Branco, cuja entrevista pode-se ler ao final deste volume. Artista que, na sua instância fabril de construção, poderia, talvez, desvendar o que seria arte de um ponto de vista do caldo de destroços que formou o solo propício de Taguatinga, região administrativa de Brasília. Na mesma seção, *Miscelâneas*, trouxemos também dois textos de jovens artistas universitários selecionados pelos pareceristas *ad hoc* da área de Artes, os graduandos em Artes Cênicas pela UnB, Igor Passos Pires e Lara Jannyfer Batista Pereira; trata-se de uma outra faceta dessa mesma comunidade brasiliense, na qual pulsam essas possibilidades de a arte ser renomeadora dos lugares sociais ou requalificadora mais verdadeira de nossas experiências. São textos frescos, que em sua formulação verdejante, trazem em aberto as questões que nos interessam pôr em foco.

Dos artigos e ensaios escolhidos por nossos pareceristas *ad hoc* e editores,

tivemos o cuidado de também equilibrar o debate mais teórico com questões ainda em formulação. O artigo que abre o dossiê, do professor de Filosofia do Direito da UFRJ, Philippe Oliveira de Almeida, sobre as noções marxianas de Frederic Jameson aplicadas às questões do pós-moderno, de alguma forma dá fundo contextual aos demais artigos. O segundo artigo busca pensar como a estética de Kant, relida pela contemporaneidade em Jean-François Lyotard, pode servir para elucidar dilemas artísticos como os do lugar de Arthur Bispo do Rosário. Escrito por três autores de diversas formações – José Almir Valente Costa Filho, professor de Artes Visuais na IFMA, Maria Celeste Miranda Pinheiros, docente de Filosofia aposentada da UFMA, e Lucas Viana Silva, professor de Filosofia e Sociologia no IESMA e do Sesc/MA –, o texto traz a marca do atrito entre os vários planos e formas de argumentação, sem escamotear as dificuldades desse tipo de análise. Segue o texto de Pilar Pinheiro Sanches, mestre em Arquitetura pela UnB, sobre a noção contemporânea de arte pública monumental. O Monumento que, durante a história, sempre serviu como memória oficial, ao demarcar lugares no espaço público, e, sobretudo durante o século XIX, nossa configuração urbana de praças e obeliscos, em uma nova linguagem, nega tanto sua atemporalidade de pedra, quanto sua estrutura agigantada. O que propõe Pilar é estudar uma espécie de antimonumentalidade, em pequenas estruturas efêmeras. Já na sequência, dois artigos, de Marcos Antônio Bessa-Oliveira e Keyde Taisa da Silva, tratam de uma relação contundente entre arte/cultura como norma ocidental pré-formada e as demais formas de expressão não ocidentais. O texto de Bessa-Oliveira, docente de Artes da UEMS, de forma loquaz, expõe as relações tensas entre as culturas de

fronteiras, tais como as de Mato Grosso do Sul, e uma normatividade importada de outros contextos. Já a Geógrafa e mestranda pela UFG, Keyde Taisa da Silva, fala da relação entre narrativas culturais indígenas e educação. O dossiê se encerra com o ensaio de Lennon Noleto, doutorando em Estudos Culturais pela Universidade do Minho e editor da *Temporal*, no qual um artista aparentemente canônico, Pablo Picasso, também se vê confrontado a outras narrativas culturais, mostrando o quanto há de construção não apenas nas franjas da narrativa universalista, mas mesmo em seu interior.

Fecha nosso número, a entrevista com o artista Branco, a quem agradecemos. Agradecemos, ainda, a toda equipe interdisciplinar de pareceristas que mobilizamos para avaliar o material heteróclito que recebemos. A Caroline Ribeiro, pela foto da linoleogravura de Lennon Noleto que compõe nossa capa.

E é essa imagem da capa que deixamos, no seu sutil desenho mínimo, como possibilidade de esboçar pequenos comentários às grandes questões aqui em aberto.

Os editores